

Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

**Discurso proferido na sessão de 10 de setembro de 1954,
publicado no DCD de 11 de setembro de 1954, página 6177.**

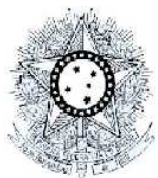
O SR. MINISTRO PAULO CUNHA (Não revisado pelo orador) – Senhor Presidente, Srs. Deputados, é honra grande para mim, é honra que toca fundo minha alma, o ser acolhido nesta Casa ilustre, em que os destinados legislativos da grande nação brasileira a todo momento encontram expressão bem elevada e nobre. Não sei como agradecer a V. Exas. essa honra, que não podia ser mais grata ao meu coração.

Fui acolhido, primeiro, pelas palavras de V. Exas., Sr. Presidente, de recorte literário tão distinto; em seguida, pela oração formosíssima de erudição transcendente desse meu colega de Universidade, que é o Professor Clementino Fraga, acadêmico do Brasil e acadêmico de Portugal, homem de tantas letras e de quase nenhuma cãs, homem que se algumas cãs têm no físico, nenhuma se lhe pode descortinar no espírito. Embaraça-me, sem dúvida, ter de responder a uma oração tão alta.

As minhas palavras são apagadas, (não apoiadas), são de um Chanceler que se encontra a braços com problemas graves de sua Pátria; que todos os momentos, todas as horas tem de destinar – quando não por alguns instantes a trazer um abraço fraternal a outra nação portuguesa de além Atlântico – tem de destinar, sim, a defender com energia aquele patrimônio que está espalhado por todo o mundo e que é desse Portugal de além Atlântico, como é deste Brasil do lado de cá do mar, mar que é comum, que é do Brasil da Europa, como é de Portugal da América.

Não posso deixar de trazer a Vossa Excelência o meu perturbado, o meu desvanecido agradecimento pelas manifestações, a que ainda há pouco se referiu enternecidamente o Senhor Deputado Clementino Fraga, desta Casa parlamentar, por ter, no meio das suas preocupações tão cheias de trabalho, tão densas de atividade, dedicado tempos longos do seu desenvolver de tarefas à leitura de algumas peças fundamentais do conflito diplomático entre Portugal e Índia. São fatos estes que não se esquecem na consciência de uma Nação, mesmo quando, ou talvez sobretudo quando essa Nação é uma Nação irmã, que se unifica no seu espírito com aquela em que eles ocorrem.

Foi lembrado aqui há pouco, nessa fala tão primorosa, que efetivamente nos encontrávamos e nos encontramos em perigo. Por isso, porque uma vez mais se



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

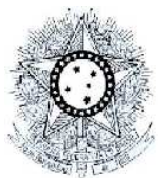
Escrevendo a História - Série Estrangeira

relembrou esse momento de risco para a comunidade luso-brasileira, não quero deixar de, numa mensagem muito simples, mas impressionante, dizer-lhe qual a posição do meu país. É a posição de sempre. É a posição de um país que ama, que estremece a paz e o direito, que faz tudo quanto pode para que a paz e o direito não sejam violados, mas que faz também tudo quanto a dignidade exige para, quando atacado no cerne dos seus direitos, por tudo aquilo que tem na alma e nas próprias energias para defender-se, salvar a honra, salvar o patrimônio, salvar o seu espírito.

Precisamente há três séculos, nos momentos em que a vossa, a nossa terra de Pernambuco se encontrava também em perigo, quando os holandeses de então, nossos amigos de agora, bloqueavam o Tejo para procurar produzir efeitos por coação, que se reproduzem no Século IX, a respeito das terras do Nordeste do Brasil, um Governador Militar de Lisboa proferiu palavras, que quero aqui recordar.

Disse D. Antonio de Souza Macedo: “Não há remédio contra a força, senão a força”. Isso significa, numa síntese poderosa, que se deve fazer tudo que é necessário para que a força não seja empregada. Se a força empregada tiver de ser, então, é a totalidade de alma de uma país que se empenha na causa justa, que não **sabe** conhecer hesitações nem retrocessos. Creio, porém que, felizmente, mercê da colaboração internacional que encontramos, mercê da solidariedade extraordinária que partiu desta Nação em que me encontro – Nação em que estou como em minha casa, (muito bem) como bem declarava o Sr. Presidente no começo da sua oração – e os fatos produziram um juízo tal de reprovação universal, emitiu-se na consciência do mundo uma opinião tão forte e tão convincente, no sentido de que o direito tem de ser respeitado e tem de ser reintegrada a causa lusitana que no momento violada se encontra; creio que a casa portuguesa, continuando a ter o apoio do Brasil – e sei que com ele posso contar – chegará ao fim sem mais derrame de sangue, com honra, com dignidade e com satisfação plena.

O meu colega de universidade, o Professor Clementino Fraga, levou-me, há pouco, na elevação do seu espírito, para considerações em que, pela sua transcendência, mal sei acompanhá-la, mas me lembro então, para não andar muito longe das culminâncias em que se situou, de recorrer a leves conceitos de biologia filosófica, através da alma de um poeta, que, no entanto, tocava com sua intuição profunda algumas verdades transcendentais. Quero lembrar a concepção da hereditariedade inversa de Maeterlinck. Assim como, nesta rede maravilhosa dos



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

cromossomas, nos vimos dos nossos antepassados e, portanto, deles recebemos toda a seiva e toda significação que tinham, assim também, portanto, através da mesma rede maravilhosa, nós nos encontrávamos nelas. Se deles procedemos, neles já estávamos então e, portanto, nós já nos encontramos neles a condicionar, e a determinar as suas atividades.

E por isso, Sr. Clementino Fraga, que efetivamente o Brasil, essa nação na aparência mais nova, efetivamente é tão velha como Portugal, de que eu venho. Vós, os brasileiros, vós estáveis presentes desde que no Século XII Portugal se fundou, desde que Portugal descobriu o mundo, desde que Portugal passou a encontrar, melhor ainda, a sua personalidade ao desenvolver-se, ao hipostasiar-se, ao sintentizar-se neste país maravilhoso que é o Brasil.

Quero dirigir os meus cumprimentos calorosos e cordiais a esta Casa parlamentar do Brasil, renovando meu reconhecimento pela atenção que me quiseram conceder. Desejo formular um voto veemente para o bem do Brasil, que está nas vossas mãos e sei que, estando em vossas mãos, é um bem definitivamente, permanentemente realizado! Muito obrigada, Sr. Presidente, Srs. Deputados. (Muito bem; muito bem. Palmas prolongadas).